

## O IRÔNICO NA CONCEPÇÃO DO AMOR EM *O BANQUETE*, DE PLATÃO

Arinalva Paula dos Santos (Mestranda, UERJ)

[arinalvapaula@gmail.com](mailto:arinalvapaula@gmail.com)

**RESUMO:** Este trabalho pretende ser uma leitura de *O banquete*, de Platão, cuja intenção é especular a respeito de como o amor parece ter sua concepção pela falta realizada tanto na figura de Sócrates, quanto na própria disposição discursiva da obra, através da observação de uma relação entre esses três aspectos que se ligam pelo tropo ironia. Contudo, este estudo não se apresenta como uma análise do que de irônico se manifesta na obra, mas sim procura pensar de que modo a ironia afigura-se como estrutura trópica que parece reger o texto. Compreendemos que estrutura trópica seja justamente essa realização do tropo, neste caso a ironia; dessa forma, é algo que define e delimita a estrutura textual em si. Assim, observaremos como o amor, demarcado pela falta, em *O banquete*, de Platão, a partir de uma estrutura trópica que tem a ironia por base, tem a sua compreensão dada ao longo dessa obra pelo próprio texto e pela figura de Sócrates, os quais parecem, em sua conformação, dar sentido e forma ao amor ali definido.

**Palavras-chave:** amor, ironia, falta

*Depois que falou Agatão, continuou Aristodemo, todos os presentes aplaudiram, por ter o jovem falado à altura do seu talento e da dignidade do deus. Sócrates então olhou para Erixímaco e lhe disse: “Porventura, ó filho de Acúmeno, parece-te que não tem nada de temível o temor que de há pouco eu dizia, que Agatão falaria maravilhosamente, enquanto eu me havia de embaraçar?”*

Platão, 2005, p. 136

Temos aqui transcrito o prelúdio de Sócrates de seu elogio ao amor em *O banquete*, de Platão. Observemos: Sócrates, após o discurso, segundo Lacan (1992), macarrônico, de Agatão, assim inicia sua fala reafirmando a Erixímaco o que dissera antes de o homenageado da noite ter dado início a sua fala. Sócrates anuncia, mesmo antes de Agatão iniciar seu discurso, que sua situação após o elogio deste será delicada, haja vista as qualidades de orador do anfitrião e, portanto, ele, Sócrates, encontrar-se-á numa situação um tanto embaraçosa logo depois de encerrado o elogio de Agatão.

De fato a posição de Sócrates logo ao final do discurso de Agatão é embaraçosa, já que o poeta trágico “fala do amor de uma maneira que parece estar bancando o bufão, num discurso macarrônico” (1992, p.115) e cabe a ele, Sócrates, dar continuidade ao elogio logo após a fala do anfitrião. Como que para se desembaraçar de tal situação, ele se coloca numa posição de inferior, de menos hábil orador entre os ilustres presentes. Abre sua fala tecendo elogios ao seu antecessor, dizendo-se incapaz de proferir um discurso com a mesma destreza de seu concorrente: “Eu, por mim, considerando que eu mesmo não seria capaz de proferir algo tão belo, de vergonha quase me retirava e partia, se tivesse algum meio.” (obra citada, p.136).

Guardados os eventuais problemas de tradução que possam existir, reflitamos sobre o seguinte trecho: “de vergonha quase me retirava e partia”(obra citada, p.136). Observemos que há, nessa colocação de Sócrates, uma dose de ironia. Numa primeira leitura, o que se apresenta na transcrição acima parece se referir a uma vergonha surgida pela impossibilidade dele, Sócrates, de proferir algo tão belo quanto o discurso de Agatão. Contudo, sabendo nós das qualidades de Sócrates e, ainda observando o fato de que aqui temos um texto platônico cujo objetivo é retomar, ou fazer que se retomem os ensinamentos desse mestre, podemos conceber, pois, que talvez (ou muito

provavelmente) essa vergonha a que se refere o filósofo não remete à beleza, mas ao risível do discurso anterior. Sócrates mais a frente continua:

Refleti então que estava evidentemente sendo ridículo, quando convosco concordava em fazer na minha vez, depois de vós, o elogio ao Amor, dizendo ser terrível nas questões de amor, quando na verdade nada sabia do que se tratava, de como se devia fazer qualquer elogio. Pois eu achava, por ingenuidade, que se devia dizer a verdade sobre tudo o que está sendo elogiado, e que isso era fundamental, da própria verdade se escolhendo as mais belas manifestações para dispô-las o mais decentemente possível e muito me orgulhava então, como se soubesse a verdade em qualquer elogio. No entanto, está aí, não era esse o belo elogio ao que quer que seja, mas o acrescentar o máximo à coisa, e o mais belamente possível, quer seja ela assim, quer não; quanto a ser falso, não tinha nenhuma importância. (obra citada, p. 137)

Eis a crítica velada de Sócrates aos demais convivas. Sócrates se inscreve numa ingenuidade aparente ao afirmar que acreditava ser o elogio a forma de dizer a verdade, da maneira mais decente possível, sobre o que se pretende elogiar, a partir da escolha dos aspectos mais belos da própria verdade inerente ao que se elogia; e não "acrescentar o máximo à coisa, e o mais belamente possível, quer seja ela assim, quer não" (obra citada, p.137). Ora, não há nada de ingênuo nessa formulação socrática. Ao contrário, sua fala, sua aparição vem, pelas mãos de Platão, como que para estabelecer os termos da verdade, da ciência, da *épistèmè*, como nos coloca Lacan (1992) em seu seminário que trata de *O banquete*.

Pois bem, tomando a palavra, Sócrates logo pede licença a Fedro, a fim de estabelecer os termos de seu elogio, alegando sua incapacidade de falar de forma tão eloqüente quanto os demais; ou seja, Sócrates não apenas sabe, ou pode, conceber a verdade sobre as coisas. Assim, tecer um elogio retórico, no sentido pejorativo do termo, seria uma dificuldade; ou melhor, uma impossibilidade ou, até mesmo, uma

violência para ele. Desse modo, inicia ele seu método interrogativo tomando Agatão como interlocutor.

Segue o jogo de perguntas, o qual a partir de uma lógica pré estabelecida, encaminha o interrogado à conclusão que se quer chegar. Contudo, quando parece que Sócrates atinge o seu objetivo, e Agatão chega a humildemente afirmar que talvez, de fato, nada saiba a respeito do que acabara de elogiar, o filósofo empresta a sua voz a uma mulher estrangeira a quem credita o pouco que sabe das coisas do amor; Diótima de Mantinéia.

Parece-me bastante relevante observar o fato de que Sócrates, no momento que parece chegar a uma conclusão a respeito da verdade sobre o amor, cede seu lugar no discurso à Diótima. Lacan (1992) nos diz que isso ocorre porque, em um dado instante, a ciência socrática parece não poder dar conta de toda a verdade, daí o artifício do discurso mítico evocado pela sacerdotisa. Creio que, para além disso que nos coloca Lacan, podemos pensar ainda se tal jogo discursivo não se refere a uma estrutura irônica maior, que comporta esse texto platônico como todo, numa tentativa de relacionar o fio que conduz a malha desse texto com o seu conteúdo; a definição dos termos do amor.

Em *O banquete*, o amor é concebido pela falta — pelo desejo daquilo que se é carente (Lacan, 1992). Mas essa carência do amante, aquele que deseja, não significa, de acordo com Lacan (obra citada), que seja suprida pelo amado, pois nada garante ao primeiro que o segundo seja possuidor daquilo que ele supõe. Assim, podemos pensar que o que está em jogo no amor é a relação entre a aparência (aquilo que o amante pensa, crê que o amado "seja" ou possua) e a realidade (aquilo que o amado realmente "é" ou possui).

Ora, não seria justamente essa também a estrutura fundamental da ironia; o contraste entre "aparência" e "realidade" (MUECKE, 1995, p. 63)? Mas de que forma podemos relacionar o conceito de ironia e a concepção de amor em *O banquete*, pensando não apenas os diálogos em si, mas a própria conformação textual? Sócrates, continuando sua fala que estabelece a maneira pela qual proferirá seu elogio, diz-nos o seguinte:

Foi com efeito combinado como cada um de nós entenderia elogiar o Amor, não como cada um o elogiaria. Eis por que, pondo em ação todo o argumento, vós o aplicais ao Amor, e dizeis que ele é tal e causa de tantos bens, a fim de aparecer ele como o mais belo e o melhor possível, evidentemente aos que não conhecem - pois não é aos que o conhecem -, e eis que fica belo, sim, e nobre o elogio. (...) Não vou mais elogiar desse modo, que não o poderia, é certo, mas a verdade sim, se voz apraz, quero dizer à minha maneira, e não em competição com os vossos discursos, para não me prestar ao riso. (obra citada, p. 138)

Aqui temos estabelecida a diferença entre o discurso de Sócrates e os dos demais oradores de *O banquete*. Notemos como Sócrates institui a distinção entre a aparência, enfatizada pelos elogios antecedentes, e a realidade daquilo que pretende falar, afirmando categoricamente que o amor, enquanto belo e cheio de qualidades, só pode assim ser concebido por aqueles que não o conhecem, pois aqueles que do amor têm conhecimento não o podem conceber dessa forma.

Desse modo, pois, Sócrates afirmará e demonstrará, na seqüência do discurso, através de seu método de perguntas e respostas, que o amor não é cheio de qualidades e sim carente delas, sendo, portanto, desejante daquilo que lhe falta. O amor é apresentado por Platão (obra citada), através de Sócrates, como amor de algo de que se carece, de algo que o amante não tem e supõe que o amado tenha, sendo essa busca, esse desejo de supressão dessa falta o impulso que determina o amor.

Proponho que pensemos esse jogo de aparência e realidade na conformação da concepção do amor em *O banquete* a partir da construção em si desse diálogo para melhor observarmos de que modo a ironia, enquanto estrutura trópica, está presente na concepção platônica. Para tanto, sugiro que o foco seja previamente estabelecido e que voltemos nossos olhos para os seguintes pontos, os quais creio serem decisivos em relação àquilo que defendemos neste trabalho.

O primeiro ponto a ser visto, creio que seja o fato de Platão (obra citada) deslocar o discurso, pretensamente sério, do poeta trágico para o cômico; ou seja, coube ao cômico, neste diálogo, falar seriamente do amor, enquanto ao trágico ficou relegado o discurso derrisório (Lacan, 1992). Poderíamos pensar de que forma tal construção irônica poderia acrescentar ao entendimento das coisas do amor, pois nos parece que tal deslocamento está intrinsecamente relacionado à concepção amorosa.

Já o segundo ponto seria o já mencionado fato de Sócrates se fazer passar ao segundo plano em seu discurso quando, no momento ápice de seu elogio, dá voz à Diotima. Qual seria a relação que podemos estabelecer com esse fato? Se Sócrates já não tinha aprendido das coisas do amor com Diotima, qual o porquê da necessidade de evocá-la e fazê-la falar por sua boca quando proferindo seu discurso? Somos levados a questionar se isso não estaria relacionado com o fato de Sócrates não querer se expor num discurso mítico, assim admitindo o limite de seu método.

E o terceiro e último ponto seria a entrada e a decisão de Alcibíades de, ao invés de tomar parte no elogio ao amor, fazer um elogio ao próprio Sócrates do alto de sua condição de amante; isto é, da condição daquele que conhece a verdade do amor.

A respeito do primeiro ponto, temos o que se segue:

Sócrates conversava com eles (Aristófanes e Agatão); dos pormenores da conversa disse Aristodemo que não se lembrava - pois não assistira

ao começo e ainda estava sonolento -, em resumo porém, disse ele, forçava-os Sócrates a admitir que é de um mesmo homem o saber fazer uma comédia e uma tragédia, e que aquele que com arte é um poeta trágico é também um poeta cômico. (obra citada, p. 188)

Pois bem, vemos que, nesse ponto transcrito acima, temos a síntese do que podemos entender como sendo a origem do caráter irônico do amor compreendido pela regência da comédia e da tragédia, cada uma tomando para si o que pertence a outra como que numa tentativa de restauração de um equilíbrio de forças. Platão (obra citada), antes de chegar a essa conclusão última de Sócrates, dentro de seu diálogo, já havia antecipado essa compreensão do trágico e do cômico como forças que agem de maneira oposta na conformação do amor, assegurando-lhe o equilíbrio capaz de conferir-lhe existência, através do deslocamento do discurso trágico sendo proferido pelo poeta cômico e do cômico pelo poeta trágico.

Tal modo de compreensão do amor, trazida através do deslocamento semântico dos discursos dos dois únicos poetas presentes no *Banquete* não revelaria, em si, a concepção da ironia enquanto estrutura trópica? Pois não é, como nos explica Muecke (1995), em seu livro *Ironia e irônico*, próprio da ironia essa complementaridade entre forças contrárias a fim de estabelecer o equilíbrio, "estabilizando o instável mas também desestabilizando o excessivamente estável" (1995, p. 19)? É exatamente isso que ocorre em todo esse texto platônico, sendo que mais explicitamente a partir da fala de Agatão, seguida da de Sócrates, culminando na participação de Alcibíades, que vem corroborar o irônico inerente não só à estrutura do diálogo, como ao discurso socrático e à sua figura.

Outro aspecto a ser considerado, que vem acrescentar à nossa análise, é a substituição feita por Sócrates de sua fala em nome de Diotima, a qual nos traz um outro aspecto do irônico manifesto na concepção do amor em *O banquete*. Ao iniciar seu jogo

de perguntas, Sócrates anuncia que pretenderá, com esse método, chegar à verdade sobre o amor, levando mesmo o seu interlocutor, Agatão, a admitir, por sua vez, que talvez nada soubesse do que estava falando quando fez seu discurso. Sócrates, então, segue até esse ponto com suas perguntas, quando decide, sob o pretexto de ter sido ela a responsável pela sua não ignorância sobre as coisas do amor, evocar Diotima de Mantinéia para tomar seu lugar no discurso. Resta a dúvida: por que Diotima? Por que não admitir para si a autoridade ou a autoria sobre o elogio?

Em primeiro lugar, temos de ter em mente o seguinte: o amor só é belo a quem não o conhece; ou seja, a verdade do amor é percebida apenas por aquele que conhece sua natureza carente, desejante (obra citada). Desse modo, podemos pensar que talvez Diotima fale em lugar de Sócrates porque este não quer assumir para si o conhecimento pleno das coisas do amor, haja vista que, segundo Alcibíades, ele se recusa a se sujeitar à posição de amante. Em outras palavras: Sócrates não assume para si o discurso, porque não se permite a posição de desejante, a qual, segundo Lacan (obra citada), é feminina, dada a natureza do mito a partir do qual Diotima explica o porquê de ser a busca pela falta a característica determinante do amor devido a sua origem, o pai Recurso e a mãe Pobreza.

Lacan (obra citada) vem nos sugerir a participação de Diotima no discurso socrático como uma espécie de comprovação dos limites da *épistèmè*, pois o amor pertenceria “a uma zona, a uma forma de negócio, de coisa, de *pragma*, de práxis, que é do mesmo nível e da mesma qualidade que a *doxa*” (obra citada, p. 126). Isso quer dizer que a compreensão e a gênese do amor estariam para além de qualquer explicação ou método capaz de apreender, através do discurso lógico, o fenômeno. Daí, segundo Lacan (obra citada), parece ser a presença de Diotima, uma sacerdotisa, providencial.

Sendo assim, somos levados a crer que tal ocorrência sob tal justificativa vem apenas a confirmar, a enfatizar o irônico como imanência da concepção do amor, como também do discurso e da figura socrática nesse diálogo como nos mostra a chegada de Alcibíades.

Alcibíades, embriagado, chega ao final da fala de Sócrates. Ao perceber sua presença fica aturdido e, sendo convidado a fazer parte do rito combinado para aquela noite, decide, ao invés de elogiar o amor, fazer um elogio ao próprio Sócrates, haja vista que, estando na presença dele, não poderia proferir honras a mais ninguém a não ser àquele homem. Logo a princípio, temos o primeiro indício do que estamos aqui defendendo: Sócrates sendo confundido como o próprio amor, trazendo para nós, o discurso de Alcibíades, a conjunção da teoria do discurso de Diotima e a prática de sua convivência com o mestre, em que se tem a correspondência entre aquilo que foi dito no elogio e aquilo que foi vivido na “realidade”.

Pois bem, Sócrates reúne em si e incita nos outros as qualidades comuns ao amor e ao irônico. Sócrates não apenas é um ironista, como bem nos lembra Kierkegaard (2005), mas a própria ironia se manifesta nele, assim como no amor, como um atributo; ou melhor, como parte da natureza constituinte. Observemos a descrição que o último dos participantes do *Banquete* faz a seu respeito. De acordo com Alcibíades, Sócrates é um sileno, cujo aspecto externo é desagradável, repulsivo, enquanto o interior é divino; ou seja, a “aparência” da sua figura e do seu discurso não corresponde a sua “realidade”. Sócrates seria uma alma impenetrável.

Agora voltemos nossa atenção para o que nos conta Kierkegaard (2005), em seu *Conceito de ironia*:

O disfarçado e o misterioso que ela tem em si, a comunicação telegráfica que ela inaugura, já que um irônico sempre deve ser compreendido à distância, a infinita

simpatia que ela pressupõe, o fugaz mas indescritível instante da compreensão, que é reprimido imediatamente pelo medo da incompreensão, tudo isso cativa laços indissolúveis. (obra citada, p. 51)

Não haveria uma relação entre essa conceituação de ironia e o que é descrito por Alcibíades como sendo o seu sentimento por Sócrates e como é a sua própria pessoa? Ou seja, a aparência e a realidade de Sócrates não correspondem, mas sim se contrapõem como ocorre na ironia, e o sentimento, a sensação que deles fica reverbera o desamparo pela incompreensão fugazmente compreendida. A realização plena é perpetuamente interrompida para que a relação perdure, estabelecendo, assim, o amor que se fundamenta na falta.

Em síntese temos o seguinte: Sócrates quando de sua fala e quando descrito por Alcibíades se faz crer, numa primeira leitura, menor como mostra o trecho transcrito na abertura deste trabalho. Contudo, as entrelinhas de seu discurso trazem à tona a ironia que se esconde por baixo do tecido do texto platônico, que trata do amor pelo jogo dos contrários que se dá ao longo de todo *O banquete*, seja no discurso macarrônico vindo pela boca do poeta trágico, seja pelo discurso trágico vindo pela boca do cômico, ou ainda pelo estado de embriaguez de Alcibíades em sua entrada conturbada em contraste com o ambiente de repouso em que se havia combinado banquetear.

Isso equivale a dizer que há, no *Banquete*, uma série de aspectos e situações contrárias que vão sendo engendradas ao longo de todo o diálogo sobre o amor. O texto se funda na oposição sempre pertinente entre o que é “parecer ser” e o que “é”; ou seja, entre a “aparência” e a “realidade” das coisas, dos objetos e dos homens, numa estrutura irônica que se desenvolve a ponto de o próprio Sócrates parecer personificá-la quando elogiado pelo último orador.

Em outras palavras: Sócrates; ou melhor dizendo Platão, não apenas se utiliza e se apropria da ironia enquanto um tropo, cujo pressuposto é o deslocamento semântico entre o que se pensa — “realidade”, e o que se diz — a “aparência”. Sua própria figura, sua própria fisionomia e postura apresentam, expõem essa divergência, essa dicotomia entre o interno e o externo, entre “ser” e “parecer”, pois uma “vez porém que fica sério e se abre, não sei se alguém já viu as estátuas lá dentro; eu por mim já uma vez as vi, e tão divinas me pareceram elas, com tanto ouro, com uma beleza tão completa e tão extraordinária, que eu só tinha que fazer imediatamente o que me mandasse Sócrates” (obra citada, p.175).

Seria, desse modo, a meu ver, a figura socrática bastante próxima da ironia, dada a sua natureza imediatamente fugidia, inapreensível, inalcançável, apresentada em *O banquete*, par aos termos do amor que acontece pela carência, pela falta que acomete quem o sente. Dessa forma é como concebemos, portanto, esse texto platônico como a realização não simplesmente do tropo ironia, mas de uma estrutura textual trópica; isto é, essa obra cumpre em sua conformação textual, em sua organização de escrita, não apenas o deslocamento de sentido pela unidade de contrários, como prevê a ironia enquanto tropo.

Mas ela é em si, em sua disposição discursiva, na sua apresentação dos diálogos, na sua colocação da figura de Sócrates, na forma como engendra as teias que tecem tanto seus personagens quanto seus acontecimentos, irônica. Ou melhor, ela permite e concebe, nela mesma, a leitura irônica, a qual por abranger a obra como um todo, refere-se à sua estrutura trópica que é, pois, a realização do texto e de sua compreensão pela ironia a ele imanente.

**ABSTRACT:** This paper intends to be a reading of Plato's Banquet, which intention is to speculate over the way how love seems to be conceived by a lack consolidated both in Socrates figure and in the discursive disposition of the work itself, through the observation of a relation among these three aspects connected by the irony trope. However, this paper does not show itself as an analysis of what is both ironic and manifested in the work, but it tries to think in which way irony is placed as a tropic structure that seems to rule the text. We understand that a tropic structure is exactly this consolidation of the trope; in this sense, it is something that defines and bounds the textual structure itself. Thus, we are going to observe how love in Plato's Banquet - bounded by the lack and departing from a tropic structure which base is irony - has its comprehension given along this work both from the text itself and by Socrates figure, that seems, in their conformation, to make sense and shape to the love defined there.

**Keywords:** love, irony, lack

## REFERÊNCIAS

KIERKEGAARD, S. A. *O conceito de ironia: constantemente referido a Sócrates* (Om begrebet ironi med stadigt hensyn til Socrates). Apres. e trad. de Álvaro Luiz Montenegro Valls. 2ª ed. Bragança Paulista, SP: Universitária de São Francisco, 2005.

LACAN, Jacques. *O seminário: a transferência — Livro 8*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

MUECKE, D.C. *Ironia e irônico* (Irony and the ironic). Trad. de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PLATÃO. *O banquete ou do amor*. Trad. introd. e notas de J. Cavalcante de Souza. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2005.